

SINTRENSE, 1 — S. CORREIA, 1

Campo do Sport União Sintrense, na Portela de Sintra.
 Árbitro — Teixeira Dória (Funchal).
 SINTRENSE — Forte, Bento, Moleiro, Luz e Loy; Jordão, Jorge, Luisinho (Biscaia aos 46 m.) e Carilhos (Daúto, aos 63 m.); Pestana e Orlando.
 SAMORA CORREIA — Moreira; Magalhães, Figueiredo, Amaral e Fernando Jorge; Jaime (João Carlos, aos 46 m.); Barbosa Ferreira e Santos; Lopes e Hélio (Hélder, aos 77 m.).

Ao intervalo: 0-1.
 Marcadores: Lopes (41 m.) pelo Samora Correia e Orlando (65 m.) pelo Sintrense. Cartões amarelos para Hélio (48 m.) e Fernando Jorge (66 m.).
 Cartão vermelho para Fernando Jorge (68 m.).
 Dos três jogos seguidos no seu reduto, este era considerado o mais fácil para os sintrenses, pelo que assim a vitória estava nos prognósticos das suas hostes. Só que em futebol não há resultados antecipados e, foi até com muita dificuldade que os donos da casa chegaram à igualdade.

É certo que o golo de Lopes — que criou ainda outras ocasiões — foi uma autêntica «flúia» do central Luz, com a colaboração do seu guarda-linha, pouco lesto a sair de entre os postes. Diz o povo que sem ovos não se fazem omeletes, ditado que pode ser aplicado à linha avançada do Sintrense. Muito esforçados, é certo, mas com pouco discernimento na conclusão de algumas jogadas bem urdidadas. Nota-se pois a falta de um jogador com características de finalizador no ataque do Sintrense.

Jordão é exemplo disso mesmo. Muito bem na preparação de jogadas ofensivas, muito mal a rematar. Por duas vezes fez o mais difícil quando se encontrava em frente a Moreira, o qual fez uma boa partida com o senão de iniciar as jogadas em pontapés longos...

A equipa de José João, faltou ainda «cabeça fria», para a reviravolta o que é normal quando as coisas não correm bem e a vitória é «só» o que interessa.
 O Samora Correia, com uma «superdefesa» — só Lopes jogou sempre na frente — ainda mais se reforçou depois de obtido o golo, acabou contudo por atingir os seus objectivos: pontuar.

Arbitragem contestada pelos forasteiros, mas, quanto a nós sem qualquer influência no resultado, que acabou por estar certo.

FERNANDO GOMES

PORTALEGRENSE, 0 — BARREIRENSE, 1

Estádio Municipal de Portalegre.
 Árbitro: Vítor Pereira de Lisboa.
 PORTALEGRENSE — Borja; José Manuel, Boavida (João Carlos, aos 75 m.), Bravo e Anselde; Tutas, Corinha, Rogério e Costa; José João e Rui.
 BARREIRENSE — Quim; Paiva, Pascoal, Albuquerque e Mário Oliveira; Hilário (Luis Miguel, aos 18 m.), Calunga (Diogo, aos 81 m.), Jarfiel e Silvino; Formiga e António José.

Ao intervalo: 0-0.
 Marcador: António José (70 m.).
 Cartão amarelo: José João (55 m.).
 Encontro agradável de seguir, apesar da forte ventania que se fez sentir. Devido à acção do vento, as equipas actuaram de forma calculista, dando pouco espaço de manobra ao adversário, logo a partir da zona do meio-campo. Foi a turma barreirense que, no primeiro tempo, beneficiou do vento e que, ao longo de todo o encontro, a ele melhor se adaptou com um futebol apoiado, servido por alguns excelentes executantes, o que lhe permitiu ser a primeira a dispor de ocasiões de perigo, às quais Borja, com duas excelentes intervenções, se opôs com êxito.

No segundo tempo, esperava-se mais audácia da equipa local, já que jogava a favor do vento, mas o rigor da sua estratégia, bem concebida aliás, manteve-se por demasiado tempo e faltou liberdade aos seus atletas. Em lance algo feliz, o Barreirense colocou-se na situação de vencedor e a partir daí tomou o comando das operações a meio-campo. Já perto do final, os locais, reagiram, pressionaram a defensiva forasteira e surgiram, algumas ocasiões de golo, mas o acerto da defensiva visitante e a inoperância atacante dos locais ditaram a derrota dos alentejanos. Boa arbitragem.

J. GRILO

SILVES, 0 — OLHANENSE, 0

Estádio dr. Francisco Vieira, em Silves.
 Árbitro: Pinto Correia, de Lisboa.
 SILVES — Jorge; Chiquinho, Caldeira, Babá e Saraiva; João Paulo, Simeão (Coco, aos 85 m.) e José Manuel; Ney, Nico e Rui Fonseca.
 OLHANENSE — Gorriz; Paulo Renato, Chico Fernandes, Santana e Tito (Costa Reis, aos 43 m.); Miguel Seródio, Jaiminho e Danov; Néelson Moutinho, António Carlos e Karkov.

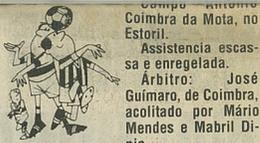
Um «derby» jogado sob muita chuva e fortes rajadas de vento, num relvado totalmente encharcado, mas, mesmo assim, com muita correcção e desportivismo, e o empate premeia o labor e o bom profissionalismo dos jogadores de ambas as equipas.

Na primeira parte, o jogo repartiu-se pelos dois meios-campos, com as defesas a despacharem o esférico de qualquer maneira da zona de baliza, evitando, assim, situações de bola presa.

Após o intervalo, a melhor técnica dos locais sobreposou-se ao futebol musculado do Olhanense, mas a categoria do guarda-linha Gorriz e o mar de água que alagava o relvado constituiram os principais obstáculos à vitória do Silves.

FRANCISCO COSTA

(Continua na 10.ª pag.)



ESTORIL — Fonseca; Passos, Hélder, Mário Tito e Miguel; Borreicho, José Carlos, Lázaro e Mário Jorge; Roberto «cap» e João Pires.

Suplentes: Tozé, Jojó, Monteiro, Martinho e Paulo Guilherme.

Substituições: aos 65 minutos, Martinho rendeu Lázaro e, aos 79 minutos, Jojó entrou para o lugar de Borreicho.

Treinador: Fernando Santos.

LOULETANO — José Miguel; Milton, Mota,

CRÓNICA DE AFONSO MELO

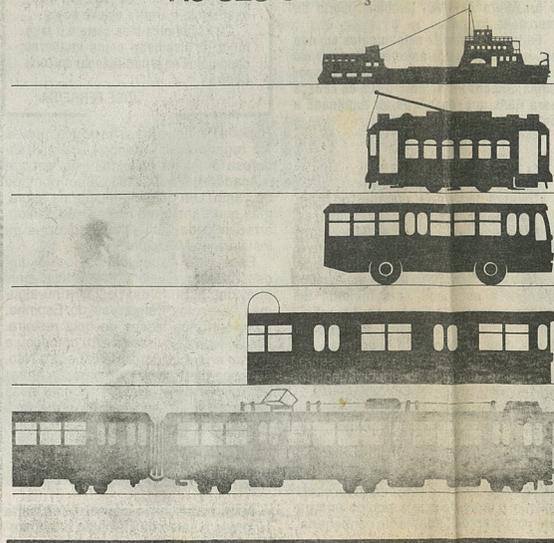
Cabral e Horácio «cap.»; Paganí, Guedes, Henrique e Tô Manel; Rui Esteves e Beto.

Suplentes: Carlos Pereira; Elói, Cerdeira, Mauricinho e Venâncio.

Substituições: Mauricinho entrou para a segunda parte, ficando Beto nas cabinas e, aos 65 minutos, Elói substituiu Guedes.

Treinador: Luís Flávio.

À VENDA NA CP PASSE SOCIAL UM MUNDO DE TRANSPORTES AO SEU SERVIÇO



O ERRO DE QUERER TER SEMPRE UM OLHO NO BURRO, OUTRO NO CIGANO

Cartão amarelo para Mota, aos 88 minutos, por demorar na cobrança de um livre. Resultado final: 0-0.

Dentro da corriqueira imprevisibilidade de um jogo de futebol, cujo interesse (meta ele os casos que meter) é sempre directamente proporcional, já não direi ao número de bolas que entram na baliza mas, pelo menos, à quantidade delas que estão muito perto de entrar, o de ontem à tarde, na Amoreira, começou a ser previsível desde o minuto número um, e só nos instantes finais pairou no ar a dúvida quanto ao resultado.

De um dos lados tivemos uma equipa (a do Estoril) que fez como que uma opção descarada por um meio-campo, essencialmente construtivo e, por isso, mais «alérgico» às funções fundamentais do «pressing», enquanto do outro a equipa algarvia apostava num «miolo» com capacidade de combate e de recuperação de bola, mandando positivamente

Só nos últimos minutos, e já com os algarvios reduzidos a dez elementos, os estorilistas se tiraram de cuidados, ficando «à beirinha» de derrotar um adversário «monobloco», que esteve sempre ao seu alcance

«às malvas» o adorno dos lances para se ater, estritamente, ao controlo das iniciativas contrárias. Deste modo, Henrique e Horácio, as duas unidades de «choque» que Luís Flávio «encaixou» no meio-campo, deram o tom áquilo que viria a ser toda a prestação da turma do Louletano com entradas «a varrer» que refraram a imaginação das peças mais adelantadas do Estoril (Roberto e João Pires), que por «viverem», sobretudo, da velocidade se

cuada de Lázaro e de Borreicho num excesso de cautelas que a «imobilidade» de Beto e Tô-Manel nem por sombras justificava.

Após o intervalo, Luís Flávio fez entrar Mauricinho numa medida que serviria para dar mais imaginação ao ataque e mandou subir os defesas laterais, de forma a estancar a fonte de perigos que se vislumbrava na alacridade de João Pires e José Carlos. O Estoril retrai-se, mas pouco tempo foi preciso para todos perceberem que as mudanças tácticas operadas nos algarvios não passavam de meras intenções. A borrasca aperta ao ponto de se chegar ao ponto de ver um espectador que, instalado num dos pinheiros que rodeiam o relvado, acendia uma fogueira, para se aquecer, naturalmente. O campo tornou-se mais pesado e a equipa da casa começou a perder força. Fernando Santos fez, então, entrar Martinho, que foi encostar-se aos centrais algarvios, passando Roberto a descair para a direita. É o momento de o Estoril se tirar, definitivamente, de cuidados. Faltam 15

FERNANDO SANTOS EMPATE INJUSTO...

Fernando Santos, treinador do Estoril-Praia:
 — Considero injusto o empate, porquanto a minha equipa dominou o jogo todo e criou ocasiões suficientes para justificar a conquista dos dois pontos, embora na parte final jogasse mais com o coração do que com a cabeça.
 — O Louletano, que beneficiou do estado do terreno, jogou sobre a defesa e não efectuou um único remate à baliza, no segundo tempo e também não me recordo de o ter feito na primeira parte.
 — Confiante?
 — Os nossos objectivos mantêm-se.

VIANA MENDES

viram obrigados a recuar até à linha média, de modo a dispor em sua frente do espaço suficiente, no qual pudessem manobrar.
 É então que a equipa «canarina» labora no grande erro que poderá ter-lhe tirado uma vitória perfeitamente ao seu alcance. Acuada no seu meio-campo, o Louletano adota como filosofia de jogo confiar nos erros «possíveis» da defensiva contrária, mas abdicando de os provocar, não caindo em pressão sobre os adversários, mas limitando-se a esperá-los dentro do seu meio terreno, onde fazia valer a maior força física dos seus jogadores.

Os estorilistas não arriscam. Tornam-se mais acutilantes com o adiantamento de Mário Jorge, que passa a dar mais apoio a Roberto e João Pires, mas continuam a não prescindir da actuação re-

de Mauricinho reduz o Louletano a dez elementos. Roberto regressa à luta da área e é João quem vai refrescar o lado direito. Assentando arraisais no meio terreno do adversário, os da casa perdem duas claras oportunidades, mas o tempo já era pouco e tinha sido demasiada a preocupação em querer atacar, sim, mas sem nunca deixar de ter demasiadas preocupações com os anónimos dianteiros contrários. E o desequilíbrio custou-lhes um ponto.

Complicado

Depois de um fim-de-semana atribulado em Portimão, José Guimarães podia ter tido no Estoril a sua viliégiatura. Não a teve porque complicou o que era fácil, marcando faltas ao contrário e inventando «livres» onde eles não existiam.

LUÍS FLÁVIO NÃO PODENDO LEVAR DOIS PONTOS...

Luís Flávio, treinador do Louletano:

A vitória era o nosso objectivo, mas o empate também nos serve, sobretudo por ter sido alcançado no terreno de um adversário que também luta por um lugar na Divisão de Honra, e de termos actuado, durante um largo período, só com dez jogadores. Valeu o espírito de luta demonstrado pelos meus jogadores, em especial no segundo tempo.

Realista:
 — Não podendo levar dois pontos, um já é bom...

VIANA MENDES

CLASSIFICAÇÃO

	CASA				FORA				TOTAL					
	V	E	D	B	V	E	D	B	J	V	E	D	B	P
FARENSE	10	0	0	31-6	6	4	0	17-4	20	16	4	0	48-10	36
Louletano	8	2	0	18-4	3	4	3	10-8	20	11	6	3	28-12	28
Barreirense ...	7	2	0	22-3	5	1	5	14-12	20	12	3	5	36-15	27
Estoril	7	5	0	14-5	1	5	2	7-7	20	8	10	2	21-12	26
«O Elvas»	8	1	1	17-5	1	6	3	8-10	20	9	7	4	25-15	25
Torriense	7	2	1	23-6	2	4	4	7-11	20	9	6	5	30-17	24
Juventude	7	2	2	20-14	2	4	3	4-10	20	9	6	5	24-24	24
Alverca	4	3	2	9-4	5	2	4	20-22	20	9	5	6	29-26	23
Lusitano V. R.	3	7	0	13-6	3	3	4	8-7	20	6	10	4	21-13	22
Olhanense	5	3	2	17-12	2	3	5	5-11	20	7	6	7	22-23	20
Silves	5	4	2	15-9	1	4	4	7-9	20	6	8	6	22-18	20
Lus. Évora	3	4	3	16-10	2	3	5	11-18	20	5	7	8	27-28	17
Seixal	4	4	1	7-6	0	2	9	4-24	20	4	6	10	11-30	14
O. Moscavide ..	3	1	7	11-19	1	4	4	8-13	20	4	5	11	19-32	13
Sintrense	3	2	3	9-9	1	1	10	5-28	20	4	3	13	14-37	11
Atlético	4	3	3	15-10	0	10	10-23	20	4	3	13	25-33	11	
Portalegrense ..	3	4	4	13-18	0	1	6	3-18	20	3	5	12	16-49	11
Samora Correia	1	4	4	5-6	0	2	9	6-27	20	1	6	13	11-35	8

PRÓXIMA JORNADA (21.ª) — «O Elvas»-Silves (0-0, na 1.ª volta); Olhanense-Estoril (0-1); Louletano-Olivais Moscavide (1-0); Sintrense-Lus. Évora (0-1); Samora Correia-Portalegrense (1-2); Barreirense-Juventude (1-1); Torriense-Atlético (2-0); Seixal-Lusitano V. R. (1-4) e Alverca-Farense (2-4).